



INCLUSÃO E ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM ESTUDO SOBRE APRENDIZES COM T21

Lucas Viana Alencar

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: lucasvianaalencar@gmail.com

Marian Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: marian.oliveira@uesb.edu.br

Stephane Carvalho Alves

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: 202011565@uesb.edu.br

1587

INTRODUÇÃO

A língua inglesa recebeu o *status* de língua franca no século XXI e isso afetou o processo de ensino-aprendizado de línguas estrangeiras nas escolas brasileiras. Isso porque o idioma estrangeiro predominante ensinado nas escolas do país é o inglês. Por ser uma língua franca, o inglês é considerado como uma ponte de comunicação e de negócios entre diversos países do mundo, além de ser o idioma com grande parte da produção do conhecimento científico. Vemos também o impacto do inglês nas grandes telas do cinema, nas grandes produções cinematográficas, como nos filmes de *Hollywood*. Além do mais, o inglês é idioma mais usado na internet, como nas redes sociais e sites de *streamings*, reunindo milhares de usuários em sites como o *Facebook*, o *Instagram*, o *Twitter*, o *WhatsApp*, o *Youtube* e a *Netflix*. Desse modo, a influência desse idioma nunca foi tão evidente como é visto nos dias atuais (IMRIE; DUNNE, 2020).

Embora a necessidade de aprender a língua inglesa se faça cada vez mais relevante para a vida social e profissional dos aprendizes do século XXI, nunca pareceu aos olhos da sociedade brasileira ser uma prioridade para alunos brasileiros com síndrome de Down (sD) aprenderem um segundo idioma, especificamente, a língua inglesa. Ao contrário, muitas famílias são desencorajadas por médicos e até profissionais da educação a não ensinarem um novo idioma aos seus filhos, pois o contato com outro idioma “seria muito confuso para ela e dificultaria o desenvolvimento linguístico em português” (IMRIE; DUNNE, 2020, p. 2).



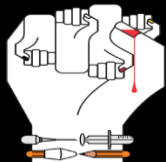
Para Imrie e Dunne (2020), ensinar a língua inglesa para crianças com sD é uma oportunidade de proporcionar-lhes a possibilidade de desenvolver competências essenciais para a formação do ser humano, como trabalhar em equipe, compartilhar opiniões e construir o conhecimento do mundo em que vivem. Ademais, os autores acreditam que ensinar um novo idioma é uma ferramenta divertida para estimular e desenvolver a produção dos sons da fala, através da imitação e repetição dos sons da língua inglesa, por meio de atividades lúdicas e contextualizadas, como músicas, vídeos, jogos e brincadeiras, já que a fala da pessoa com sD sofre uma série de alterações anatômicas, o que prejudica a sua inteligibilidade (OLIVEIRA; PACHECO, 2016).

O ensino-aprendizado de uma língua estrangeira como o inglês, por exemplo, tem um potencial significativo para se tornar uma ferramenta de estímulo global para aprendizes brasileiros com síndrome de Down, especialmente, na produção dos sons da fala. O objetivo deste trabalho é refletir sobre a possibilidade e a potencialidade do ensino de inglês como língua estrangeira para aprendizes com T21.

METODOLOGIA

Os dados selecionados para o presente trabalho provêm do banco de dados do projeto de extensão *Núcleo de Pesquisa e Estudos em síndrome de Down - Saber Down* (CNPq/MEC), desenvolvido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), sob a coordenação da professora Dr^a. Marian Oliveira. Desde 2012, o *Núcleo Saber Down* atua no desenvolvimento de pesquisas que se preocupam em descrever e analisar a linguagem de pessoas com síndrome de Down seja através da estimulação da linguagem falada, escrita e leitura.

Por meio de encontros semanais, com duração de 1 hora, 5 aprendizes brasileiros com síndrome de Down, entre 15 e 19 anos, foram estimulados a produzirem palavras da língua inglesa, cuja estrutura fonotática foge às regras fonológicas da língua portuguesa, língua materna dos alunos. Para a coleta desses dados, primeiro, foi demonstrada aos alunos a pronúncia de palavras do inglês. Foram gravadas em vídeo atividades de nomeação espontânea de imagens e de atividades com música e jogos, a aplicadas aos participantes do Núcleo. Posteriormente, os vídeos foram analisados e as palavras faladas pelos participantes foram ouvidas e transcritas foneticamente. Após a transcrição, as simplificações encontradas foram analisadas e classificadas quanto ao tipo.



Esta pesquisa possui a aprovação do CEP/UESB – CAAE: 56134921.0.0000.0055.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

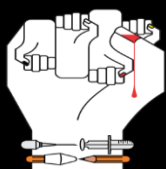
A SD é uma condição genética que sempre esteve presente na humanidade (Scottish Down syndrome Association, 2001). Também conhecida como Trissomia do cromossomo 21 (T21), essa ocorrência genética se deve ao fato de que, no momento da divisão celular, ocorre um excesso de cromossomo no par 21, o que resulta em 47 cromossomos em cada célula, em vez de 46 (Scottish Down syndrome Association, 2001). Consequentemente, atraso na aprendizagem e no desenvolvimento e deficiência intelectual são algumas características inerentes à pessoa com T21.

Em relação à produção dos sons da fala, a pessoa com Down lida com uma série de alterações no seu trato vocal e que impactam a produção oral, tais como hipotonia orofacial, macroglossia, alteração da dentição, o que muitas vezes compromete a articulação dos sons da língua e por consequência a inteligibilidade da sua fala e a comunicação. (OLIVEIRA; PACHECO, 2016).

Ainda sobre a linguagem oral de brasileiros com sD, em sua pesquisa, Souza (2017) apresenta uma série de processos fonológicos na fala desses sujeitos, como: *sonorização, dessonorização, labialização, posteriorização, nasalização* entre outros. Todos esses processos fonológicos (PFs), são encontrados durante a aquisição da linguagem, seja de ordem típica ou atípica, como no caso falantes com sD. Acerca dessa questão, Othero (2005) acrescenta que os processos fonológicos são “inatos”, “naturais” e “universais”, é esperada a ocorrência dos PFs ao longo da aquisição da linguagem. Logo, é possível que também ocorram no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Nossa hipótese é a de que os processos fonológicos que ocorrerem na produção oral desses sujeitos mostrarão as dificuldades articulatórias impostas tanto por questões relacionadas à T21, quanto pelas características fonéticas de certos sons do inglês, além de demonstrarem também o conhecimento dos falantes sobre aspectos da fonologia do português.

Quadro 1: Processos Fonológicos encontrados na fala de aprendizes brasileiros com T21.

Palavra Alvo	Tradução	Transcrição Fonológica	Transcrição Fonética	PFs
Pig	Porco	/pig/	[ˈpigi]	Epêntese Vocálica
Dog	cachorro	/da:g/	[ˈdɔki]	Dessororização
Duck	Pato	/dʌk/	[ˈdãŋgi]	Sonorização



Cat	Gato	/kæt/	[kɛʃ]	Substituição
Cat	Gato	/kæt/	[ˈkɛʃi]	Palatalização

Fonte: Elaboração própria.

Embora se possa identificar na maior parte das palavras do quadro 1 a ocorrência de mais de um processo fonológico, nos deteremos nos segmentos destacados com vermelho, como se percebe na coluna “transcrição fonética”, do quadro 1. Destacamos, portanto, a ocorrência de epêntese vocálica - [ˈpig*i*] – desonorização - [ˈdɔ*k*i] - a sonorização - [ˈdã*ŋ*gi] - substituição - [kɛʃ] - e palatalização - [kɛʃ*i*].

A estratégia da epêntese vocálica é um processo recorrente na fala de aprendizes brasileiros, principalmente nos níveis iniciais do aprendizado da língua inglesa. Isso costuma ocorrer como uma tentativa de manutenção daquilo que é previsto na língua materna. Assim, como no PB, não são comuns codas preenchidas por oclusiva, como /pig/ vs [ˈpig*i*], o aprendiz, através da epêntese, adapta a estrutura silábica inserindo uma vogal após a oclusiva velar /g/. Como efeito, tem-se a modificação de um monossílabo CVC, para um dissílabo de estrutura CVCV. O nosso aprendiz como sD, ao utilizar essa estratégia, nos mostra que ele está ciente dessa regra do português.

Por outro lado, como evidenciam os dados de Souza (2017) e de Oliveira, Pacheco e Souza (2017), PFs como sonorização e desonorização são bem comuns na fala de pessoas com T21 e ocorrem em função de certa dificuldade de controle e planejamento motores, em relação ao movimento das pregas vocais. Devemos lembrar certas oposições no português e, também, no inglês são estabelecidas pelo movimento das pregas vocais, de maneira que vibração das pregas vocais, implica em sons sonoros e não vibração das pregas vocais, em sons surdos, sendo isso inclusive o que diferencia um /v/ de um /f/. Nos dados de produção do inglês - /dɑ:*g*/ - [ˈdɔ*k*i], /dʌ*k*/ - [ˈdã*ŋ*gi], nossos aprendizes como ocorre com dados do português também ora sonorizam sons surdos como /k/ que é produzido como [g], ou desonorizam sons sonoros como /g/, que é produzido como /k/, fenômeno esse muito comum entre esses falantes.

Ainda no quadro 1, observam-se duas produções diferentes para a palavra “cat”, [kɛʃ] e [ˈkɛʃi], ambas realizações fonéticas da forma fonológica /kæt/. Na primeira realização, não há inserção de vogal, como normalmente ocorre quando se tem uma oclusiva na coda da sílaba, mas os falantes analisados fazem uma substituição da oclusiva da coda por uma consoante fricativa que está no rol das fricativas possíveis na coda no PB /ʃ/. Por outro lado, na segunda ocorrência da mesma palavra, como estratégia comumente utilizada, os aprendizes tentam fazer a epêntese vocálica e como



efeito ocorre o processo de palatalização como em geral ocorre no dialeto falado pelos indivíduos pesquisados, qual seja, consoante oclusiva alveolar /t/, diante de vogal alta anterior /i/ sofre PF de palatalização, sendo, pois, realizada como uma africada [tʃ] (CRISTÓRAFO-SILVA, 2015). Para além de outras hipóteses que esses dados podem gerar, eles evidenciam que o falante do português, aprendiz de inglês com T21 opera em sua aprendizagem com aspectos da sua língua e dialeto.

CONCLUSÕES

Neste trabalho, tratamos da questão da produção dos sons da fala por aprendizes brasileiros com síndrome de Down durante o aprendizado de uma língua estrangeira, como o inglês. Para além de outras hipóteses que esses dados podem gerar, eles evidenciam que o falante do português, aprendiz de inglês com T21 opera em sua aprendizagem com aspectos da sua língua e dialeto. O aprendizado de uma língua estrangeira portanto pode ser uma ferramenta de importante inserção social para pessoas normalmente marginalizadas, como as com T21, além de abrir um espaço para a reflexão sobre os limites e potencialidades dessa população, constituindo-se em uma estratégia de inclusão na medida que desmitifica certos equívocos sobre pessoas normalmente rotuladas como deficientes.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Língua estrangeira. Processo Fonológico. T21.

REFERÊNCIAS

CRISTÓFARO SILVA, T. **Pronúncia do Inglês para falantes do português brasileiro** (2a. edição revista e atualizada). 2a. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015. 236p.

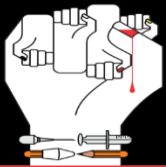
IMRIE, L.; DUNNE, P. **A multisensory approach to English as a foreign language: uma abordagem multissensorial do inglês como língua estrangeira.** Inclusive English (2020).

Oliveira, M.; PACHECO, V; SOUZA, P.P.L “**Processos fonológicos Na Fala De Sujeitos Com síndrome De Down: Uma interpretação via Geometria De traços E Teoria métrica Da sílaba**”. Cadernos De Estudos Linguísticos 59 (2). Campinas, SP:461-80. <https://doi.org/10.20396/cel.v59i2.8649883>. 2017.

OTHERO, Gabriel de Ávila. **Processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança.** ReVEL, v. 3, n.5, 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

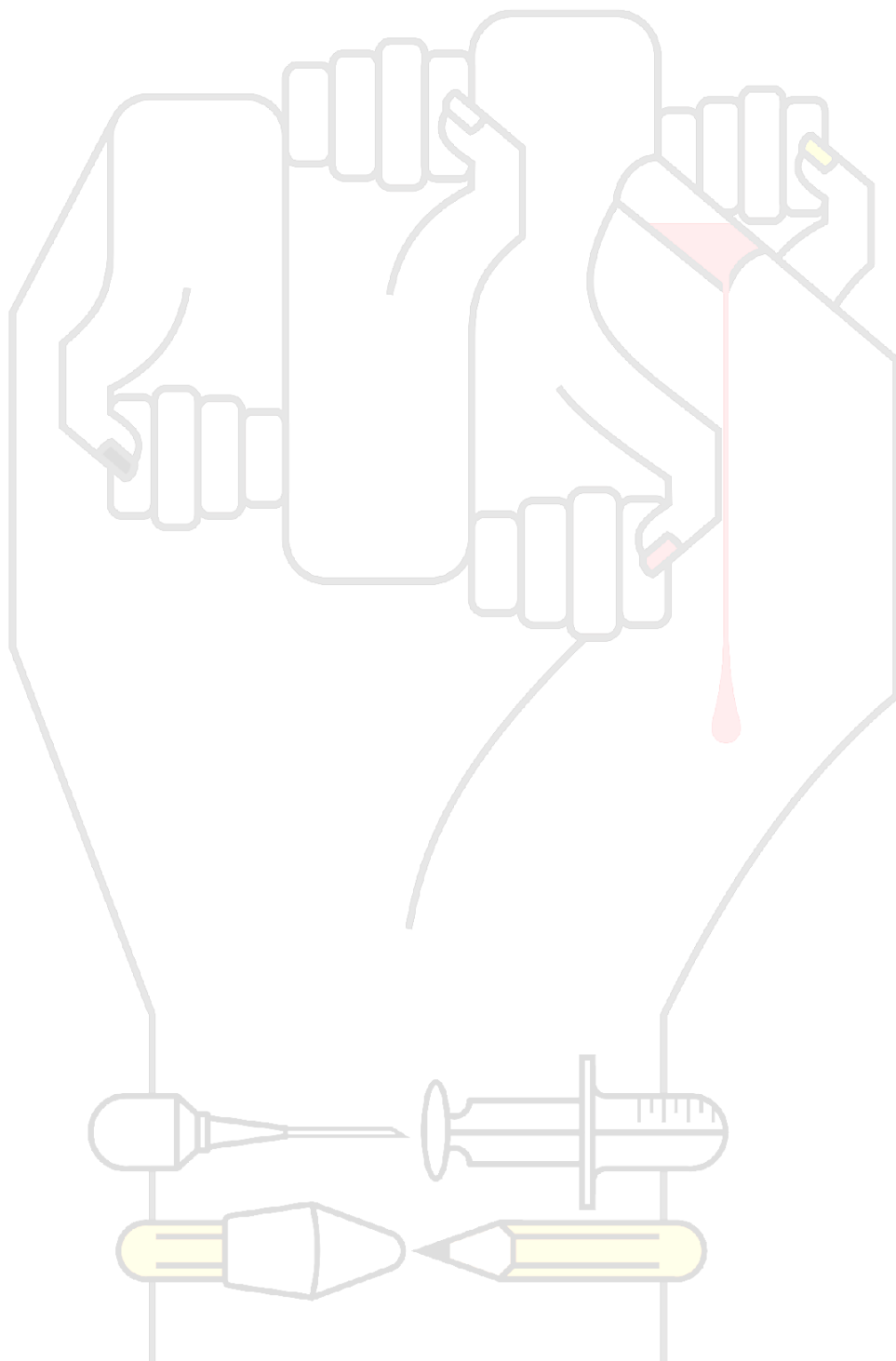
SCOTTISH DOWN SYNDROME ASSOCIATION. **What is Down syndrome? Information for parents, carers, professionals and students.** SDSA (2001).

SOUZA, L. P. P. **Processos fonológicos na fala e na escrita de sujeitos com síndrome de Down: uma interpretação via Geometria de Traços e Teoria Métrica da Sílaba.** Dissertação



(mestrado) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2017.

1592



Realização:



Apoio:

